

SER PSICOTERAPEUTA: A PERSPECTIVA DO ESTAGIÁRIO COMO CLÍNICO INICIANTE

Autora: Natália Karam
Orientador: Carlos Henrique Kessler

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de investigação acerca da prática de atendimento clínico individual efetuada por estagiários sob supervisão de orientação psicanalítica, que se realiza em uma clínica-escola. Este estudo se dará a partir de situações vivenciadas pela autora e de interrogações advindas da experiência em Estágio na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, derivado do projeto “A pesquisa clínica em transferência” que faz parte da linha de pesquisa “A Psicanálise e a Clínica na Universidade”.

Pesquisa em psicanálise

Inicialmente, partimos da interrogação sobre a prática de pesquisa em psicanálise. Escars (2006) afirma que não se pode pensar a transmissão da psicanálise sem levar em conta o fato de que se trata de uma transmissão sob transferência. Além disso, Elia (1999) acrescenta que a metodologia de pesquisa em psicanálise deve incluir a transferência como condição estrutural. Se tratamento e pesquisa coincidem, e se a transferência é condição de tratamento, ela será igualmente uma condição de pesquisa. Desta forma, a pesquisa psicanalítica tem na clínica o seu ponto de apoio principal (Lo Bianco, 2003).

Ser estagiário

Para pensarmos sobre o ensino da psicanálise na universidade, questionar-se sobre o lugar da prática clínica nos estágios torna-se de grande importância. Muito embora o que se pratica no contexto de uma universidade não possa ser nomeado ou qualificado como psicanálise, isso não implica que efeitos clínicos e de formação não venham repercutir, deixando marcas nos estagiários que ali passam (Kessler, 2009).

Para Zaro, Barach, Nedelman e Dreiblatt (1980), quando o estudante de Psicologia inicia os atendimentos psicoterapêuticos, suas expectativas influenciam a maneira como compreendem as vivências de seus pacientes e suas próprias. Podemos dizer que aquilo que ele leva para a prática, antes de qualquer coisa, é a si próprio como pessoa.

Supervisão

A supervisão torna-se um recurso que viabiliza o conhecimento básico e a experiência mínima para atuação enquanto prática clínica (Boris, 2008). A pergunta sobre a transmissão da psicanálise na universidade tem como atividade privilegiada a prática da supervisão, tendo em vista que é a modalidade de ensino que se observa no acompanhamento dos casos atendidos pelos estagiários nas clínicas universitárias. Na sequência da pesquisa, apresentaremos resultados preliminares sobre o exame de material clínico atendidos pela pesquisadora em supervisão na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS e a reflexão sobre como se deram os desdobramentos destes casos bem como o conseqüente efeito de formação clínica.

Referências bibliográficas

- ELIA, L. (1999). A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso? In: *Psicologia: reflexão e crítica*, v.12, n.3. Porto Alegre.
- ESCARS, C. (2006). O leitor suposto. Elementos para pensar a transmissão da psicanálise na universidade. In: LO BIANCO (org). *Freud não explica: a psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Kessler, C. H. (2009) A supervisão na clínica-escola: o ato no limite do discurso. UFRJ: PPG em Teoria Psicanalítica. Tese de doutorado.
- Lo Bianco, A. C. (2003) Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. In: *Psico-USF*. Bragança Paulista, 8 (2) p. 115-23
- Zaro, J. S., Barach, R., Nedelman, D. J., & Dreiblatt, I. S. (1980). *Introdução a prática psicoterapêutica*. (L. R. Marzagão, Trad.) São Paulo: EPU.